



IPATINGA • CIDADE JARDIM • 50 ANOS

JOSÉ AUGUSTO DE MORAES E MARILDO SILVA

OS BAIRROS DE IPATINGA — CAPÍTULO I

CARAVELAS

O Caravelas é resultado de um loteamento em glebas antes pertencentes à Fazenda Ipanema, de propriedade da Acesita. Inicialmente seria uma complementação do bairro Veneza; porém, aos poucos, foi construindo sua independência. Caravela é uma pequena embarcação de vela latina usada nos séculos XV e XVI. Vara de mandioca é outro significado.

O Caravelas tem como ponto inicial e final o encontro da faixa da BR-381 com o limite do município, indo para Governador Valadares. Sobeste ponto seguindo pelo limite do município com Mesquita até o divisor de vertentes do morro que separa os bairros Caravelas e Canaã, deste ponto desce pelo divisor de vertentes até o encontro dos eixos da rua Messias e avenida Galileia; deste ponto, sobe pelo divisor de vertentes do morro que separa os bairros Caravelas e Jardim Panorama; segue pelo espigão divisor de vertentes até a junção dos lotes 25 e 26 da rua Passo Fundo; segue por esta junção até o eixo da rua Passo Fundo; desce pelo eixo desta rua até o eixo da rua Pelotas; segue pelo eixo da rua Pelotas até o encontro da faixa da BR-381; sobe pela faixa da BR-381 na direção de Governador Valadares até o limite do município, ponto de partida.



BETHÂNIA

O bairro Bethânia é originado de um loteamento feito em parte das terras que pertenciam à “Fazenda Barra Grande”. A fazenda, que posteriormente foi denominada de “Fazenda Bethânia”, era de propriedade do Pedrinho Soares, que a vendeu para Selim José de Sales, em 1950. O loteamento foi feito pela Imobiliária Sotil, de Pedro Linhares Gomes, em 1976.

“Bethânia” ou “Betânia” era originalmente uma aldeia em Israel, bem próxima a Jerusalém e ao Monte das Oliveiras. É mencionada doze vezes na Bíblia como lugar que teria sido visitado por Jesus Cristo. Deu origem a nomes de diversas localidades em todo o mundo, de acordo com as variantes de cada idioma, como Bethany em inglês, sendo também usado como nome feminino, pois era o lugar onde morava a irmã de Lázaro, “Maria Betânia”.

O bairro Bethânia tem como ponto inicial e final o encontro dos eixos das avenidas Nazaré e Paris. Segue pelo eixo da linha de transmissão da avenida Paris até o limite intermunicipal; segue pelo limite do município até o ponto P-72 (62335; 30935); desce pelo divisor de águas até o encontro da avenida Gersa com a rua Pisa; deste ponto sobe até o ponto P-71 (61535; 30980); depois segue ao ponto P-69 (61050; 31590); depois ao ponto P-70 (60405; 31330), segue do ponto P-70 pelo espigão divisor de vertentes do morro que separa os bairros Bethânia e Chácara Oliveira até o ponto P-58 (60830; 29675); segue até o ponto P-59 (61160; 29590); depois ao ponto P-60 (51350; 29360); segue deste ponto ao encontro dos eixos das avenidas Nazaré e Paris, ponto de partida.

PERSONAGEM DA HISTÓRIA

JOSÉ MAURÍCIO DA SILVA

José Maurício da Silva nasceu em Ipatinga, aos 19 de março de 1959, filho de Adeusdedet Barros da Silva e Raimundo Oliveira Silva. É casado com Margareth Assunção Brasil Silva e pai de duas filhas: Isabela e Rafaela.

“Estudei na única escola existente na época, a Manoel Izídio, que começou na Fazendinha, perto de onde é hoje a delegacia, e depois passou para o local da atual Estação Memória. Posteriormente, inauguramos o prédio novo na avenida João Valentim Pascoal. Nossa vida era escola e havia alguma diversão, quando aparecia um parque ou um circo, brincadeiras de rua e nadar no ribeirão Ipanema (escondidos dos pais). Fiz o curso de “Técnico em Mecânica” na Universidade do Trabalho. Meu pai assinou minha carteira profissional quando eu estava com 17 anos, em 1º de janeiro de 1977. Mas comecei a trabalhar na loja da família com doze anos e me fixei lá a partir dos catorze anos. Fui jurado do programa que acontecia nas manhãs dos domingos no Cine Ipanema. Também fui modelo: desfilei com minha bicicleta Brasileira/1964, que guardo até hoje. Todos os membros da família aprenderam a pedalar nesta bicicleta. Nós não tínhamos o que fazer em Ipatinga nos finais de

semana, pois não havia diversão. Então criamos uma Hora Dançante no Grupo Escolar Manoel Izídio, com autorização da diretora (dona Bizuca). Ela só permitiu porque todos do grupo estudavam na escola e, na época, ninguém fazia uso de bebida alcoólica e drogas. Nas horas dançantes, começaram muitos namoros que resultaram em casamentos, inclusive o meu com a Margareth. A Margareth era uma menina muito presa. O pai não a deixava sair de casa e ela só ia às horas dançantes de vez em quando. Normalmente eu não dançava com ela, só com as colegas dela. Às vezes, arrumava um colega para dançar com ela. Certo dia, a irmã dela chegou perto de mim e disse: ‘Você ainda não percebeu que a Margareth quer dançar é com você?’ No domingo seguinte, ‘rolou’ até um beijo. Mas antes eu tive que tomar uma cerveja, pra poder criar coragem”, lembra Maurício.



José Maurício da Silva

CAUSOS E CURIOSIDADES

A QUEIMA DA CADEIA PÚBLICA

Segundo Amantino Alves (foto), um fato marcante que ele presenciou em Ipatinga foi no dia 7 de outubro de 1963, quando queimaram a cadeia pública do do lugar. “Eu tinha doze anos de idade e nós tínhamos um estabelecimento comercial que ficava três casas antes da delegacia. A gente dormia no comércio: eu, o Benjamim (meu irmão), o Geraldinho (funcionário) e o Ladico. Naquele dia, o comércio não abriu. Ficamos de portas fechadas e, por dentro, olhando o movimento na rua. Toda hora passava a Cavalaria, pessoas correndo, gritando. O pessoal queria ir embora, porque eles falaram que o gásômetro da Usiminas ia explodir. À noite, veio um senhor gritando que ia colocar fogo na delegacia. Ele foi até um posto de gasolina no final da avenida 28 de Abril, esquina com Belo Horizonte, e trouxe a gasolina. E a gente presenciando tudo: ele jogou a gasolina, e depois botou fogo.”



QUEBRA-QUEIXO

O apelido “Quebra-queixo” de Isaltino José de Melo (foto) surgiu na época da mudança para Ipatinga. Isaltino parou de vender algodão-doce e começou a vender ‘quebra-queixo’ na porta do antigo Cine Ipanema e em portas de escolas, no Centro e no bairro Cariru. A receita do quebra-queixo foi ensinada por um gaúcho que morava em Caratinga, que comercializava o doce na Praça Getúlio Vargas.

De acordo com Isaltino, “o quebra-queixo” é feito de açúcar, coco e um ácido cítrico. “Antigamente se chamava caramelo. Depois colocamos o nome de ‘quebra-queixo’.” Após criar a família vendendo o doce pelas ruas da cidade, Isaltino agora está aposentado. E a tradição de vender o “quebra-queixo” foi repassada às filhas Jane, que vende no Colégio São Francisco Xavier; Patrícia, no Colégio Mayrink Vieira; e Janice, na Escola Estadual Almirante Toyoda, todos no bairro Cariru.

